economia

Dólar termina no maior nível desde abril de 2025

Moeda norte-americana voltou a disparar na sessão de ontem e encerrou o dia cotada a R$ 5,776, alta de 2,12%

/ MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

O dólar parece não encontrar um teto desde a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Ontem, a moeda norte-americana voltou a disparar e encerrou o dia cotada a R$ 5,776, alta de 2,12%, maior nível desde abril de 2025. Durante a sessão, chegou a superar os R$ 5,79, em meio às incertezas sobre os rumos da economia brasileira e à crescente desconfiança dos investidores em relação às contas públicas.

A escalada vem ganhando força desde o segundo turno das eleições presidenciais, em 25 de outubro. No primeiro pregão depois da vitória de Lula sobre Flávio Bolsonaro (PL), o dólar saltou mais de 8%, chegando a R$ 5,40. Desde então, a moeda acumula uma valorização adicional de aproximadamente 6,8%.

Por trás desse movimento está, principalmente, a preocupação com a capacidade do governo de equilibrar receitas e despesas. O pacote de ajuste fiscal em discussão no Congresso Nacional não conseguiu convencer o mercado, que cobra medidas mais concretas para conter o crescimento da dívida pública.

Para Márcio Riauba, head da mesa de operações da StoneX Banco de Câmbio, a percepção de risco voltou a dominar as negociações nesta segunda-feira. Segundo ele, o mercado considera insuficientes as medidas apresentadas pelo governo, sobretudo por estarem mais concentradas no aumento da arrecadação do que na redução de gastos.

"O mercado segue questionando a suficiência do pacote de ajustes apresentado pelo governo", resume. O especialista acrescenta que a piora das projeções econômicas do Boletim Focus, divulgado pelo Banco Central, reforça o pessimismo, diante da perspectiva de uma combinação de crescimento mais fraco, inflação persistente e juros elevados.

Na avaliação de Gustavo de Moraes, professor da Escola de Negócios da Pucrs, a disparada do dólar não representa um movimento exagerado ou meramente especulativo. Para ele, existem razões concretas que justificam a pressão sobre a moeda brasileira.

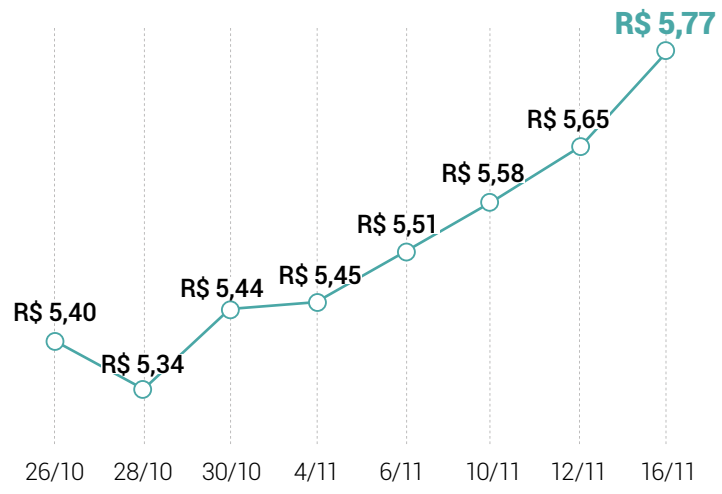
"O que vai fazer com que o real se fortaleça são fundamentos econômicos mais sólidos da economia brasileira. Da mesma forma, o que vai fazer com que ele se desvalorize são fundamentos mais frágeis", explica.

O economista observa que o Brasil não enfrenta um colapso da atividade econômica nem um desemprego expressivo. O problema, segundo ele, está na deterioração da confiança sobre as finanças públicas. Sem um ajuste considerado convincente, cresce o receio de que o governo precise ampliar o endividamento ou elevar impostos.

A situação internacional também pesa. Moraes explica que perdas nas bolsas americanas podem levar grandes investidores a retirar recursos de países emergentes, como o Brasil, para cobrir prejuízos em outros mercados. Soma-se a isso a perspectiva de juros elevados nos Estados Unidos por mais tempo, tornando os investimentos americanos mais atraentes.

O professor lembra que o Brasil já enfrentou um episódio semelhante no final de 2024, quando a desconfiança fiscal levou o dólar a superar R$ 6,20. Por isso, não descarta novas altas. "Não vou me comprometer com uma projeção de R$ 6,24 (valor atingido em 30 de dezembro daquele ano), mas o risco de cotações superiores aos R$ 5,80 é real", alerta.

Trajetória da alta do dólar após o 2º turno das eleições presidenciais



Especialistas orientam cautela e recomendam evitar decisões precipitadas

Apesar do pessimismo, Michael Viriato, planejador financeiro certificado (CFP) pela Planejar, alerta que a valorização recente não significa que a moeda americana permanecerá necessariamente nos patamares atuais.

"Não há razão para considerar R$ 5,50 um novo piso para o dólar", afirma. Segundo ele, o câmbio apresenta elevada volatilidade e pode mudar de direção rapidamente, influenciado tanto pela política econômica brasileira quanto pelo cenário internacional.

Viriato lembra que o Brasil ainda apresenta fatores favoráveis ao real, como os superávits comerciais e o elevado diferencial de juros em relação aos Estados Unidos, que torna as aplicações brasileiras atraentes para investidores estrangeiros.

Para quem teme perder poder de compra, a recomendação é evitar decisões precipitadas. Uma das alternativas apontadas pelo especialista são os títulos de renda fixa indexados ao IPCA, especialmente os de curto prazo, que podem ajudar a proteger o patrimônio dos efeitos da alta do dólar sobre a inflação.

Outra possibilidade é aproveitar os juros elevados no Brasil, que mantêm as aplicações vinculadas ao CDI atrativas. Já para quem deseja investir no exterior, Viriato recomenda olhar além da cotação da moeda americana.

A diversificação internacional continua importante, especialmente pelo acesso a empresas e setores pouco representados na Bolsa brasileira. Entretanto, a decisão deve considerar os objetivos financeiros, os riscos e o prazo de investimento, preferencialmente superior a cinco anos no caso das ações.

"A valorização passada da moeda não pode mais ser capturada por quem compra dólar hoje", ressalta Viriato. Em outras palavras, embora a moeda americana ainda possa subir, correr para comprá-la depois de uma disparada não é necessariamente a melhor estratégia para proteger o patrimônio.

